

DIRECTOR E PROPRIETÁRIO: JOSÉ BARÃO

EDITOR: SEBASTIÃO SANTOS SILVA

DELEGAÇÃO EM LISBOA - TELEFONE 31839

AVENÇA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA DA PRINCESA, 72 - VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO - TELEFONE 254

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: GRÁFICA DO SUL - V. R. S. ANTÓNIO

PORQUE TEM o «Jornal do Algarve» A SUA SEDE em Vila Real de Santo António

ALGUNS leitores e entre estas pessoas de responsabilidade oficial e do nosso maior apreço e consideração, têm manifestado o desejo de que o Jornal do Algarve transfira a sua sede para a capital da provincia.

NUNCA MAIS SE PENSOU na metana do Guadiana

SABE-SE que figura no mapa das pesquisas de petróleo no País a região do Guadiana onde foi assinalada a presença da metana.

Esta lembrança vem a propósito do facto do México estar a estudar a exportação para Inglaterra do gás natural, para uso nas cozinhas.

Bem, cá ficamos esperanças que um dia nos aparecerá por aí a sonda!

algavios e aos nossos com-provincianos que vivem por todo o Portugal e dispersos nas cinco partes do mundo. A ausência desses meios e a carência de uma equipa treinada e responsável que dê conta de um jornal da feição do nosso, impossibilita-nos de localizar o Jornal do Algarve noutro ponto que não seja aquele onde brotou para a ingrata lide de defender a Terra Algarvia. É isto que conta para nós - defender o Algarve com critério definido e equilíbrio, dando a nossa ajuda e o nosso aplauso àquilo que os merecerem. E essa defesa tanto monta ser feita de terra ribeirinha do Guadiana - terra aliás de simpáticas tradições jornalísticas - como de Faro, de Portimão ou de qualquer outra localidade. Não é for-

Conclui na 5.ª página



A faceta marítima de Olhão está bem vinculada neste grupo de canoas características do Algarve, abrigadas na sua doca de pesca

APESAR DAS OBRAS REALIZADAS a Câmara de Olhão APRESENTA O SALDO DE 1.282 CONTOS

REUNIU-SE o conselho municipal de Olhão para apreciar o relatório do presidente do Município, sr. Lourenço Baptista Lopes de Mendonça, referente à gerência do ano findo. No documento frisa-se uma nota agradável: o saldo com

E NINGUÉM tinha dado por isso?!

A-PROPÓSITO do acidente sofrido pelo arrastão espanhol «Aramendi», que abriu água quando pescava ao sul de Sagres e que conseguiu alcançar, com auxílio de reboque, o porto de Olhão, vimos no nosso prezado colega «O Século» que os bombeiros daquela vila, chamados para esgotar a água da embarcação, tinham respondido: «Não vamos lá porque está tudo desafinado». E valeu a ajuda dos bombeiros municipais de Faro que, com uma dedicação merecedora de elogios, evitaram que o barquinho se afundasse, o que, além de constituir grandes prejuízos para os proprietários, constituiria uma vergonha para os serviços de socorros do País.

O que surpreende no meio de tudo isto é que sendo Olhão uma das maiores vilas do País, centro conservado de primeira ordem e com numerosa população, não tenha até agora conseguido, no que respeita a serviço de bombeiros, alcançar o prestígio e a eficiência de Alcabide-

Conclui na 4.ª página

que se transitou para o ano corrente.

«Se — diz-se — para este excelente resultado financeiro, obtido sem aumentos de taxas, largamente contribui uma mais cuidada cobrança das receitas municipais, não devo, no entanto, deixar de salientar que o facto se fundamenta essencialmente num aumento de cobrança dos dois impostos básicos das receitas municipais: o imposto de pescada e a contribuição industrial.

«Sabido como é, que o imposto de pescada é receita à volta da qual gravita toda a vida do Município, pois as receitas normais mal chegam para as despesas obrigatórias e só com os saldos de gerência será possível fazer face a obras de vulto, parece-me poder-se encarar para o ano em curso uma melhor perspectiva de realizações, já que em 1957, exactamente por falta de receitas no ano anterior, a actividade municipal não pôde seguir

Conclui na 5.ª página

ENSINO

No ano lectivo de 1955-56 funcionaram no Algarve 622 estabelecimentos de ensino oficial e particular, de todos os graus, com a frequência de 46.589 alunos, dos quais 15.647 do ensino particular. O número de professores nas escolas foi de 1.110 e o número de alunos inscritos no ensino técnico ascendeu a 2.159, tendo ultrapassado o Algarve nesta modalidade de ensino Lisboa, Porto, Setúbal e Coimbra. Todos os restantes distritos têm uma frequência inferior.

A DEFESA da criação da sardinha e a vantagem da fiscalização a bordo

ARMAÇÃO DE PERA — Lemos a carta do armador de Sines, sr. A. Seixas, publicada no número passado do «Jornal do Algarve» em que dá o seu apoio à intensificação da defesa da criação da sardinha mas discorda da presença a bordo de um fiscal. Aos seus argumentos a nossa resposta é a seguinte:

1.º — Quanto ao fiscal a bordo, não queremos dizer que seja outro mestre de pesca ou mandador, mas sim um homem da companhia com plenos poderes dados pela Capitania para proibir a destruição de grandes quantidades de sardinhas pequenas feita nas nefastas operações de coar a sardinha grande com redes ou na escolha a bordo. Ele não tem que discutir com o mestre. Apenas ordena, quando achar conveniente, a suspensão de tal operação. O mestre cumprirá ou não, e, no seu relatório diário, que tem de entregar na Capitania, mencionará o sucedido.

2.º — Pela razão de o dono da

traineira ou cerco ser também mestre de pesca não lhe assiste o direito de ter pulso livre para praticar o que quiser e entender. Tem de se sujeitar às leis do País, que não admitem excepções. Pois não estamos nós todos sujeitos à fiscalização

Conclui na 4.ª página

DEVE TER SIDO ESQUECIMENTO!

O cronista do «Jornal do Algarve» na capital da Província lamentava-se, na sua última crónica, de não lhe ter sido proporcionado um lugar para assistir à representação de «A Muralha». Deve tratar-se, estamos em crer, de um esquecimento do Teatro de Amadores de Faro, que tantos incitamentos tem recebido da Imprensa. Não se pode admitir que tenha sido outra coisa. Um esquecimento!

O Algarve no Tribunal de Contas e a acção benemérita do seu conservador - arquivista

por ALVES MONTEIRO



É VULGAR escutar-se a afirmação de que a história de Portugal está por fazer. Realmente são pobres, e escassos, os estudos históricos entre nós, e é a um estrangeiro (H. Schaefer) que devemos o melhor trabalho sobre a história de Portugal.

Valioso contributo, porém, vem sendo dado nos últimos tempos por alguns estudiosos que às regiões onde nasceram, ou a que se devotaram, têm oferecido o melhor do seu trabalho. Aponte-se, como exemplo, o valioso e probo trabalho do sr. dr. Alberto Iria (fruto de muitos anos de aturado estudo) sobre o Algarve e os descobrimentos — trabalho que acaba de ser publicado, com honra para o autor e muito interesse para a região.

A história faz-se com documentos, é afirmação comum. E se é certo (ainda que poucas vezes dito) que

não é só com documentos que ela se faz, é verdade que sem eles a tarefa é mais árdua.

Nas nossas «andanças» por poeirentos arquivos — umas vezes por gosto de velharias, outras por obrigação —, sempre que se nos depara um ou outro elemento de interesse, dele damos notícia.

Apraz-nos hoje noticiar alguns documentos, do quase desconhecido Arquivo do Tribunal de Contas, de Lisboa, e ao Algarve referentes.

— Documentos do «Colégio» dos Jesuítas de Portimão: relações de prata, paramentos, imagens, quadros, relações de bens, etc., de muito interesse para o estudo da época.

— Compromisso da Confraria de

Conclui na 4.ª página

A saúde é a maior riqueza

CONVÍVIO PERIGOSO

As gotículas de saliva e de mucosidades das fossas nasais e garganta dos gripados contêm o germe da infecção: quando o enfermo fala, tossir ou espirrar, podem atingir os circunstantes e transmitir-lhes a moléstia. Os que mais de perto lidam ou convivem com o doente estão mais expostos à infecção.

Procure livrar-se das gotículas expelidas pelo gripado ao falar, tossir e espirrar.



À esquerda, o magnífico edifício do Hotel Guadiana, em Vila Real de Santo António, esplendidamente localizado e que, com grave prejuízo para o turismo algarvio, se encontra fechado há meses, à espera de sofrer as indispensáveis remodelações

HOTÉIS E TURISMO

por ARNALDO MARTINS DE BRITO

CÁ estou novamente, meus caros leitores, para vos falar de hotéis e de turismo. Mas, antes de entrar propriamente no tema da minha conversa, quero agradecer ao sr. Marques Jacob, o favor das suas elucidações, acerca do problema hoteleiro na zona do barlavento do Algarve, que eu francamente desconhecia, como tal não me tendo sido possível fazer-lhe qualquer referência no meu artigo «O Algarve e o seu problema hoteleiro». Contudo, o meu escrito tinha exactamente o propósito de chamar os entendidos a pronunciarem-se, e o sr. Marques Jacob foi a primeira pessoa a responder, o que muito me satisfaz. Outras que o sigam, são os meus sinceros desejos, para que se erga a campanha em prol de mais hotéis no Algarve, a que me referi nesse mesmo artigo.

Também me é muito grato regis-

tar neste momento, a agradável notícia aparecida no «Jornal do Algarve», em 4 de Janeiro último, dando-nos conhecimento do parecer favorável da Direcção dos Serviços de Urbanização, da qual faz parte o ilustre presidente da Câmara Municipal de Portimão, a quem presto as minhas homenagens, para a construção de um novo hotel na Praia da Rocha.

E, com igual regozijo, arquivo também nestas linhas, a comunicação interessantíssima, sobre a criação duma Escola Profissional da Indústria Hoteleira em Portugal, manifestação de grande valor turístico e de elevada compreensão acerca do mérito do hotel na maneira de viver do homem de hoje. Tudo, afinal, se conjuga para o engrandecimento da hospitalidade no nosso País, e continuo com a certeza de que o nosso Algarve será de igual modo atingido por este desenvolvimento. Desejo que estas minhas palavras traduzam o agradecimento do nosso povo aos promotores de tão felizes deliberações, porque, na nossa provincia, como aliás em quase todo o País, o hoteleiro necessita de ser auxiliado, precisa realmente duma boa formação sobre todos os serviços que

Conclui na 5.ª página

TROPISMOS NA VIDA DOS PEIXES EM GERAL E, EM ESPECIAL, NA VIDA DO ATUM

COM o fim de melhor se compreender a nossa «inédita hipótese» sobre a movimentação migratória do atum, em ambos os hemisférios terrestres, a publicar brevemente, convém expor sucintamente o significado especial do fenómeno dos «tropismos» na vida dos peixes em geral e, em especial, na vida do atum.

E assim:

1 — Significado genérico do tropismo

Há um facto, mais fisiológico do que psicológico, chamado tropismo, que abrange o conjunto dos movimentos forçados de um organismo, respondendo a um estímulo exterior a esse organismo e provocando reacções fisiológicas obrigatórias, relacionadas com a direcção em que o estimulante alcance o organismo.

O tropismo, pois, tem como características essenciais, o seu carácter forçado, obrigatório, e a sua relação com a direcção do estímulo exterior.

Não significa isto que o estímulo

Visado pela delegação de Censura

pelo capitão-de-mar-e-guerra JOSÉ SALVADOR MENDES

actue, sempre, no mesmo sentido; há estímulos que suscitam um tropismo reversível, ao qual o organismo responde com reacções, ora



Dia de frutuosa pescaria do atuneiro «Rio Vouga»

Conclui na 4.ª página



por CASIMIRO DE BRITO

Pernas para o trabalho

Imagem de todos os dias: pernas para o trabalho. Serão sete horas matutinas e as primeiras pernas começam a sua sinfonia — a corrida para o trabalho, esse dever que todos temos mas que poucos aceitamos com o sorriso, a satisfação natural que se apressora nos programazinhas da Emissora, nas Folhas culturais que falam da alegria «no trabalho», nas palavras dos que, esses sim, encontram satisfação e prazer no «seu» trabalho...

O trabalho é, deve ser, a mais importante ocupação da vida do homem. Porque só haverá progresso efectivo no dia em que todos, absolutamente todos, trabalharem com a satisfação e o prazer que se diz mas não é verdade, não é totalmente verdade. Daí o papel importantíssimo que se deve dar, um dia, a um estudo preparativo, a que se sujeitarão todos os jovens, e que terá mais ou menos este título: «A escolha profissional». Se afirmar que milhares de pessoas não são felizes porque não ocupam o cargo que na vida deveriam ocupar — ou porque para ele sentem mais aptidão, ou porque só nele sentem valer a pena realizar-se como homens — direi uma das mais importantes verdades da vida. Porque esta, a vida, só terá um significado, um verdadeiro significado, no dia em que a alavanca do progresso seja empunhada por todos — o que só é possível quando todos tiverem o seu lugar, e só, o seu, na sociedade...

Uma vez mais, mudei de assunto, desprevenidamente. Eu queria falar da sinfonia que vislumbro nesta imagem: «pernas para o trabalho»...

Vêm de quilómetros e quilómetros de distância, umas. Pedalam, pedalam, desdobram-se num ritmo certo de esforço, de finalidade. São as pernas mais madrugadoras: na cidade trabalham centenas de operários camponeses, e são esses os primeiros a dar à cidade este ar febril de aglomerado que vive.

Depois são as pernas do operariado da cidade, pessoal quase todo das bandas de S. Luís ou do Alto Rodes. Nas bocas mastigam-se ainda as últimas sopas e as pernas correm, correm não vão chegar atrasadas cinco minutos... o que resulta sempre na perda de uma hora, e, às vezes, do lugar. São pernas nervosas, caminhando macambúzias, arrastando-se quase: a vida é dura e o tempo urge — por isso a vida é uma fuga, uma contínua fuga... E há as pernas dos moços, operários de meia tijela (que deviam estar na escola porque muitas vezes não têm mais do que doze anos), que correm para a fábrica atrás de uma bola de trapos...

Soam as oito; uma vez, duas vezes, três vezes: é o relógio do Arco da Vila, é o apito da fábrica lá longe, é outro atrasadão qualquer... E as pernas param, o trabalho começa. É toda uma cidade, uma população, que procura um significado para a sua vida, em que condições, não importa!

E há ainda mais pernas, mais pernas correndo para o trabalho. As dos que entram às nove, às dez, às doze (estes para o café, geralmente). A categoria das pessoas, generalizo, mede-se pela hora a que têm de se apresentar ao trabalho... São os empregados de escritório, os funcionários públicos, outros e mais outros. Gesticulam muito e referem-se à última derrota do clube da casa. Vêm ainda com sono porque foram ao cinema ou a outra parte qualquer onde se pensa possível «esquecer» — o que há para ser esquecido...

É uma sinfonia complexa (porque é vida, vida!) a das pernas correndo para o trabalho. A elas, juntamos as nossas, e concorramos todos para que esta sinfonia tenha, dia após dia, mais e mais razão de ser, mais e mais sentido de vitalidade, mais e mais matéria de progresso...

NOTÍCIAS PESSOAIS

Embaixador Manuel Rocheta

Ao abandonar as funções de embaixador de Portugal na Alemanha Ocidental, o sr. dr. Manuel Rocheta foi distinguido pelo presidente Theodor Heuss com a «Ordem de Serviço da República Federal» e o ministro dos Negócios Estrangeiros, Heinsrich Von Britano, homenageou-o com um jantar, em que tomaram parte membros do Governo e do corpo diplomático e individualidades da vida pública, num total de quarenta e duas pessoas.

Dr. Manuel Elias Trigo Pereira

Em substituição do sr. dr. Luís Gordilho, Moirós, presidente do Município farense, foi nomeado delegado provincial da Mocidade Portuguesa o sr. dr. Manuel Elias Trigo Pereira, intendente distrital da pecuária e secretário da comissão distrital da U. N.

Partidas e Chegadas

Esteve alguns dias em Vila Real de Santo António o sr. D. Maria Carolina de Brito Neves, nossa assinante em Lisboa.

Seguiu para Matosinhos o nosso assinante sr. João Borges Salas.

Encontra-se na Marinha Grande a sr.ª D. Alice Martins da Graça, nossa assinante em Lisboa.

Vimos em Vila Real de Santo António, acompanhado de sua esposa, o sr. José de Aragão Barros, nosso assinante em Oporto.

Em viagem de negócios, esteve no Algarve, acompanhado de seu filho, o sr. João Barbosa, sócio da firma Afonso Barbosa & C.ª, nossa assinante em Matosinhos.

Com pouca demora, esteve em Vila Real de Santo António o sr. Francisco C. Delgado Cipriano, nosso assinante em Lisboa.

Também esteve uns dias em Vila Real de Santo António o sr. reg.-agr. Joaquim Manuel Laboreiro de Vilalobos Esperança, nosso assinante em Pegões.

Esteve em Lisboa o sr. João Folque e Brito, industrial de conservas em Vila Real de Santo António.

Em visita de inspecção aos serviços da Casa dos Pescadores, esteve em Oporto, o sr. tenente da Armada Albino Correia, secretário-geral da Junta Central da Casa dos Pescadores.

Vimos em Vila Real de Santo António o sr. Joaquim Madeira Caracol, nosso assinante em Portimão.

Acompanhado de sua esposa e filhos, deve regressar à Metrópole, por todo o corrente mês, o sr. Joaquim Rodrigues, nosso assinante no Lobito.

Vem ao Algarve, tendo passado alguns dias em Loulé, acompanhado de sua família, o nosso compatriota sr. coronel Manuel de Sousa Rosa Júnior, deputado da Nação.

Com curta demora, esteve em Lisboa o sr. capitão Jorge Ribeiro, presidente da Câmara Municipal de Tavira.

Vindo dos Açores, encontra-se em Vila Real de Santo António, o sr. João Franco Serra, nosso assinante em Angra do Heroísmo.

Após de embarcar para Lourenço Marques, onde vai fixar residência, seguiu de Portimão para Lisboa, acompanhado de sua filha, sr.ª D. Maria do Nascimento Cruz, o nosso conterrâneo e assinante sr. Joaquim José da Cruz.

Encontra-se em Vila Real de Santo António, o sr. Manuel Hilário, nosso assinante em Moscavidé.

Genete nova

Em Alferrarede, onde reside, teve o seu feliz sucesso dando à luz uma criança do sexo feminino, a sr.ª D. Maria Manuel Rosa Rodrigues, esposa do nosso assinante sr. Delífilo Rodrigues.

Pedidos de casamento

Pelo sr. José Gomes Romeira Morgado, residente em Loulé, filho do sr. José Gomes Morgado e de sua esposa sr.ª D. Maria de Lourdes Romeira Morgado, nossos assinantes em Oporto, foi pedida em casamento a sr.ª D. Maria Odivia Cristóvão Ricardo, filha do sr. Francisco Ricardo Bárbara, já falecido, e da sr.ª D. Maria da Glória Cristóvão Ricardo, devendo o enlace realizar-se no próximo Verão.

Pelo sr. Armando Rocha Cruz, proprietário do nosso colega local «Notícias do Algarve» e sua esposa, sr.ª D. Amália de Mendonça Rocha Cruz, foi pedida em casamento para seu filho, sr. Armando António de Mendonça Rocha Cruz, a sr.ª D. Maria Rosa Ruivo, filha do sr. António Ruivo Madeira e de sua esposa sr.ª D. Irene da Paz Ruivo. O enlace deve realizar-se muito brevemente.

Casamentos

Na igreja paroquial de Vila Real de Santo António, realizou-se no domingo, o casamento da sr.ª D. Etelvina da Conceição Sousa, assistente social nesta Vila, prendada filha do sr. D. Mariana da Conceição Monchique Sousa e do industrial sr. António Xavier de Sousa, com o sr. Felício dos Santos David, 1.º sargento da Armada, filho da sr.ª D. Ilda dos Santos Piedade, já falecida, e do 1.º sargento da Armada, sr. José David, em serviço no Ultramar.

Apadrinharam o acto, por parte da noiva, seus pais, e por parte do noivo, seu irmão, sr. tenente de Engenharia, Mário David dos Santos e esposa, sr.ª dr.ª Maria José Teixeira Coelho dos Santos.

Após a cerimónia, foi servido em casa dos pais da noiva um finíssimo lunch, tendo o novo casal saído em viagem de núpcias.

No corrente mês, deve realizar-se no Lobito (Angola), o casamento da sr.ª D.

ECONOMIA

Um novo adubo — a ureia

A UREIA, produto que se obtém pela combinação a altas pressões do anidrido carbónico com o amoníaco, tem a distingui-la a sua elevada riqueza em azoto: 46% em comparação com os restantes adubos azotados cujo teor em azoto normalmente orça pelos 20%.

Daqui logo se conclui que para fornecer uma determinada quantidade X de azoto ao solo é necessário empregar muito menos ureia do que qualquer outro adubo azotado (normalmente menos de metade do peso). Isto representa já uma grande economia de fretes e de mão de obra, e uma maior comodidade, uma vez que haverá a transportar e distribuir apenas metade do peso que habitualmente se emprega.

Vejam os preços do mercado para o novo adubo. Segundo os preços do mercado temos os seguintes valores para a ureia e para os adubos azotados mais comumente usados, os quais tomamos para termo de comparação:

Table with 2 columns: Adubo and Preço. Includes items like 1 tonelada de ureia com 46% de azoto (3.650\$00), 1 tonelada de sulfato de amónio com 21% de azoto (1.985\$00), etc.

O preço de 1 kg. de azoto fornecido por cada um destes adubos é, pois, o seguinte:

Pela ureia 7\$93; pelo sulfato de amónio 9\$45; pelo nitrato de cálcio 11\$95; pela cianamida em pó 9\$68; pela cianamida granulada 8\$11; pelo nitrato amoniacal 9\$15.

Assim por exemplo: se fizermos uma adubação com 250 kg. de sulfato de amónio essa adubação fica-nos em cerca de 496\$00 fornecendo ao solo 52,5 kg. de azoto.

Para obter uma adubação equivalente usando nitrato de cálcio seria necessário empregar cerca de 338 kg. ficando a adubação em 595\$00.

Empregando a cianamida em pó ou a granulada a adubação custar-nos-ia respectivamente 508\$20 e 575\$93; a mesma adubação com nitrato amoniacal ficaria-nos em 480\$40.

Finalmente empregando a ureia, para fornecer a mesma quantidade de azoto ao solo seria necessário empregar cerca de 114 kg. ficando a adubação em 416\$00 — a mais económica portanto!

Note-se que a economia obtida com o preço do produto, há ainda a somar como dissemos, a economia do frete e da distribuição.

Sob o ponto de vista de preço e de facilidade de emprego parece não haver dúvidas, portanto, em que a utilização deste produto resulta muito vantajosa.

Vejam agora alguma coisa sobre a maneira de actuar: Esta substância é muito solúvel na água; ao contrário do que sucede com o sulfato de amónio e tal como o nitrato de cálcio, o solo não tem imediato poder de retenção para a ureia, pelo que é aconselhável não proceder a regas abundantes após a distribuição do adubo.

Por outro lado, em contacto com o solo durante dois ou três dias a ureia é decomposta novamente em anidrido carbónico e amoníaco, sendo este fortemente retido pelo húmus e argila do solo; entra então em acção a nitrificação que liberta o azoto sob a forma de nitratos.

Quer dizer que a ureia é semelhante ao nitrato de cálcio quanto aos cuidados que se devem ter para evitar o seu arrastamento, mas que não tem efeito tão rápido, pelo que, neste aspecto deve ser comparada ao sulfato de amónio.

Experimentada já em escala apreciável, parece ter dado bons resultados nomeadamente quando aplicada a culturas de cereais, tabaco, beterrabas, pastagens, arroz, vinha, árvores de fruto e ainda em horticultura e cultivo de flores.

Uma modalidade interessante de aplicação desta substância é a adubação foliar, que consiste em pulverizar as folhas das plantas a adubar, com soluções de ureia pouco concentradas (geralmente 0,5 a 1%).

Os efeitos por via de rega são imediatamente visíveis e imediatos. Este aspecto vem de certo modo revolucionar a antiga noção de que a alimentação da planta era unicamente feita por absorção radicular, facto este muito curioso de registar.

Como a ureia é miscível com a maior parte dos insecticidas, a aplicação poderá ser feita simultaneamente com um tratamento, pelo que resultará muito mais económica.

A pesar de todas as vantagens que se acabam de apontar, convém não esquecer que se trata dum adubo cujo emprego começa agora a generalizar-se e cujos efeitos não são tão conhecidos como os de mais antiga aplicação.

Dadas porém as condições vantajosas que a ureia parece apresentar, haverá certamente o maior interesse em utilizá-la. Simplesmente, cada lavrador antes de a aplicar em larga escala, deverá experimentar primeiro com menores quantidades, quais os resultados obtidos nas condições particulares em que se encontram as suas culturas, e só depois, se aqueles forem satisfatórios, poderá então lançar-se num emprego mais generalizado da ureia.

(Junta Nacional de Frutas).

Pesca em Sesimbra

No mês que terminou registou-se grande abundância de pesca em Sesimbra, quase exclusivamente de peixe-espada. As maiores lotas verificaram-se nos dias 21 e 22, com o rendimento, respectivamente de 190 e 230 contos.

A pesca, que é exercida por meio de anzol, mantem-se no mesmo ritmo, calculando-se que o rendimento diário é de uns 150 contos. Num destes dias foram capturadas duas albacoras.

O nosso amigo de Atougua da Baleia está muito interessado em saber qual tem sido o rendimento da pesca de anzol em Vila Real de Santo António — o segundo porto de pesca costeira de Portugal. Dificilmente lhe podemos responder porque os pescadores da terra em causa andam todos aos gambozinos.

Baptizado

Na igreja de Santo António, em Campolide (Lisboa), realizou-se o baptismo da filhinha da sr.ª D. Maria Isabel Pato Anselmo Galhardo e de seu marido, sr. capitão Valentim Galhardo, comandante de companhia no Colégio Militar. Foram padrinhos da neófito, que recebeu o nome de Maria Manuela, a sr.ª D. Maria Manuela Galhardo e o nosso amigo sr. Aurélio Anselmo, respectivamente tia e avô. Foi celebrante o rev. Galhardo Palmeira, pároco de Vila Real de Santo António.

Doentes

Tem passado incomodado de saúde, mas felizmente já se encontra melhor, esperando muito breve continuar a exercer as suas funções, o nosso assinante sr. comandante Carlos Pacheco Pinto, capitão do Porto de Oporto e presidente da Casa dos Pescadores daquela vila. Ao ilustre oficial, deseja o «Jornal do Algarve» rápido restabelecimento.

Junta Nacional do Vinho AVISO

A J. N. V. avisa todos os VINICULTORES da sua área de que são obrigados a manifestar até ao dia 10 de Março do corrente ano, os VINHOS E AGUARDENTES vinhos (de 76° a 78°), existentes em adega no dia 1 de Março.

As declarações são feitas em BOLETINS IMPRESSOS, de MODELO PRÓPRIO, preenchidos em triplicado, que se encontram nos Grémios da Lavoura, e devem mencionar, separadamente, as quantidades vendidas (mas ainda existentes em adega por conta do comprador) e por vender, e serão entregues, devidamente assinadas nos Grémios da Lavoura.

É indispensável que os vinicultores não deixem de manifestar as existências dos referidos produtos, e que o façam com verdade, visto que a falta ou inexactidão das declarações somente lhes poderá ocasionar prejuízos.

Lisboa, 20 de Fevereiro de 1958.

O Chefe da Secção de Estatística a) Óscar Costa

PRECISA-SE Casa com quintal, até 500\$00. Dirigir à Foto Calé — Vila Real de Santo António.

CINE-CLUBE DE Vila Real de Santo António Em 6.ª sessão recomendada do Cine-Clube de Vila Real de Santo António exhibe-se no dia 6, no Cine-Foz, o excelente filme «O Dossier Negro», de André Cayatte.

IMPRESA «La Higerita» — Completou 46 anos de existência este nosso prezado colega que se publica na vizinha vila de Isla Cristina. Desejamos-lhe longa vida e felicitamos o seu director, sr. Juan Bautista Rubio.

MOVIMENTO PORTUÁRIO

de 20 a 26 de Fevereiro ENTRADOS: Suíço «Grandson», de 616 ton., de Port Lyautey, vazio; Português «Ze Manel», de 926 ton., de Lisboa, vazio; Português «Mira Terra», de 562 ton., de Lisboa, vazio; Alemão «Schwaneck», de 1.298 ton., de Cádiz, com carga em trânsito; Português «Maria Christina», de 549 ton., de Lisboa, vazio. SAÍDOS: «Mira Terra», com minério, para Lisboa; «Grandson», com conservas, para Génova; «Schwaneck», com cortiça em prancha e rolas, para Hamburgo; «Ze Manel» e «Maria Christina», com minério, para Lisboa; «Mira Terra», com enxofre, para o Porto.

PROPRIEDADE RÚSTICA VENDE-SE: Com cerca de 25 hectares. Compõe-se de casas para caseiro, ramadas amplas, apendre, pocilgas e galinheiros, pomares de citrinos, bom ramo de oliveiras, alfarrobeiras, figueiras e amendoeiras. Para informações: Rua Jacques Pessoa, n.º 16 — Tavira.

Os C. T. T. no Algarve Transferências Foram transferidas: D. Maria da Circunscião Ventosa, operador — da estação de Olhão para a de S. Brás de Alportel (a seu pedido); D. Deonilde Antónia Guerreiro, operador de reserva — do núcleo de reserva com sede em Faro para o núcleo de reserva com sede em Angra do Heroísmo e o sr. Edmundo de Brito Samúdio, electricista, da rede telefónica de Vila Real de Santo António para a circunscião técnica de Lisboa.

Farmácia de Serviço De hoje até ao próximo sábado, está de serviço a Farmácia Carmo, Rua São João de Brito, telefone 31.

Advertisement for HIPOLITO fertilizer. Includes an illustration of a sprayer and text: O ÚNICO PULVERIZADOR FABRICADO POR NOVOS PROCESSOS. EXAMINE CUIDADOSAMENTE TÓDAS AS SUAS PEÇAS E DAR-LHE-A PREFERÊNCIA. A MARCA QUE OFERECE TÓDAS AS GARANTIAS CONSULTE AS NOSSAS NOVAS TABELAS DE PREÇOS.

Advertisement for ADUBOS (fertilizers) by SAPEC. Lists various fertilizer types and prices: SUPERFOSFATOS 15%, 18% e 42% em pó e granulados; SULFATO DE AMÓNIO; NITROCALCIAMON «COBELAZ»; SULFONITRATO DE AMÓNIO «COBELAZ»; NITRATO DE CAL; CIANAMIDA CÁLCICA — SULFATO DE POTÁSSIO e CLORETO DE POTÁSSIO. SAPEC GRANDES FÁBRICAS EM SETÚBAL.

Advertisement for AOS PORTUGUESES QUE ESTÃO AUSENTES e VENHAM à METRÓPOLE. A CONFIDENTE, a maior Organização do País em Propriedades, tem na presente ocasião CENTENAS DE PRÉDIOS DE RENDIMENTO para vender, tudo no centro de Lisboa como nas Avenidas Novas e arredores, sendo os seus preços variáveis desde 200 a 15.000 contos, todos alugados e próprios para vários inquilinos, novos, isentos de contribuição durante 6 e 12 anos, rendendo alguns deles o juro de 9%. A todos os compradores que comprem propriedades por n/ intermédio prestamos toda a assistência até ao final da transacção. Nada cobramos de comissão, pois essa é paga pelo vendedor, e ainda nos encarregamos do recebimento de rendas, gratuitamente, aluguer de prédios, pagamento de contribuições, depósitos nos Bancos, etc. A CONFIDENTE é, sem receio de desmentido, a maior Organização do País, sendo afirmado pelas centenas de clientes que têm transaccionado com A CONFIDENTE. A CONFIDENTE FUNDADA HÁ 23 ANOS LISBOA: — ROSSIO, 5-2.º PORTO: — R. PASSOS MANUEL, 14-1.º



VELA

Portugal não é só Lisboa

«MUNDO Desportivo», pela pena brilhante do seu redactor José Ilhargo, publicou, no número de 7 de Fevereiro, uma longa entrevista com o presidente da Federação Portuguesa de Vela.

Contrariamente ao que estamos habituados a ver nos grandes jornais desportivos, para os quais só quase o futebol conta, a referida entrevista teve o maior realce, merecendo honras de primeira página e foi até anunciada em número anterior do citado jornal. Vão pois, por isso, as nossas simpatias e os nossos melhores agradecimentos para José Ilhargo e para «Mundo Desportivo».

Por todos estes factos, nos meios da vela desportiva de todo o País, criou-se um enorme interesse e expectativa e foi com verdadeira sofreguidão que velejadores e dirigentes leram a entrevista, pois esperavam ver nela resposta aos seus anseios e ver abordados e equacionados os mais palpitantes problemas que entravam o desenvolvimento da vela desportiva em Portugal e suas Províncias Ultramarinas.

Infelizmente, o desapontamento foi geral. O presidente da Federação mostrou claramente, mais uma vez, desconhecer em absoluto tudo o que se passa na vela e limitou-se a repetir uma longa e já bem conhecida série de lugares comuns, sem abordar e equacionar sequer um único problema sério. E, se a sua longa entrevista ainda tem algum valor como propaganda, esse facto deve-se única e exclusivamente à pena do jornalista, que soube disfarçar tanta pobreza de idéias, rendilhando e compondo com mão de mestre o pouco que lhe foi dito.

Um dos factos que saltou imediatamente à vista de todos foi o de um presidente de uma Federação Portuguesa, onde a maioria dos clubes federados (20 entre 37) não são da região do Tejo e têm interesses e condições diferentes destes, só falar dos clubes do distrito de Lisboa, como se Portugal fosse só Lisboa.

Tal facto, contudo, não nos surpreendeu, pois há entre os 26 dirigentes da Federação, 25 que são representantes dos clubes do Distrito de Lisboa, e muitos dos maiores da F. P. V. não querem que entrem para os corpos gerentes da Federação representantes de outros centros náuticos portugueses, por saberem que alguns deles se iriam opor aos seus inconfessáveis interesses comerciais dentro da Federação.

ração, como foi claramente demonstrado, na última Assembleia Geral, pelos representantes dos clubes do Tejo, que tomaram resoluções contrárias à letra dos Estatutos, só para que não entrassem para os corpos gerentes da Federação alguns representantes de outros centros náuticos.

Na citada entrevista também mais uma vez nos é dito que, pela Fazenda Pública, foi cedido o Pavilhão do «Espelho de Água» (da Exposição do Mundo Português) para sede das Federações Náuticas, mas o que continua a não nos ser explicado — e gostaríamos de saber quais os interesses particulares que a tal se opõem — é por que até hoje a F. P. V. ainda ali não instalou a sua sede e por que motivo continua instalada em minúscula dependência de outrem, com os inconvenientes que tal facto representa e o que tem levado pessoas sérias e honestas a não aceitarem cargos directivos na Federação. Também gostaríamos que nos tivessem explicado por que será que tendo a Fazenda Pública cedido o «Espelho de Água» às Federações Náuticas nem sequer os clubes ali conseguem dar as suas festas, enquanto que o mesmo está à disposição, por exemplo, do pessoal de companhias comerciais, para ali realizarem bailes e banquetes!

Eram estes e muitos outros problemas que por falta de espaço não abordamos hoje, que se esperava o presidente da Federação de Vela tratasse na entrevista concedida.

Infelizmente, como ele o não fez e como esta nossa modesta tribuna da vela já é lida e comentada em todos os centros da vela de Portugal e de suas Províncias Ultramarinas, como o demonstram as cartas de aplauso que temos recebido dos mais diversos pontos, a partir do próximo número, com a ajuda de valiosas transcrições de conhecidos e competentes técnicos, tentaremos apresentar e equacionar alguns dos problemas mais palpitantes e cruciais da vela desportiva, a fim de que esta se possa desenvolver e de que, no futuro, para a Federação Portuguesa de Vela, Portugal não seja só Lisboa.

Fernando do Valformoso

«Não anunciar o que se deseja vender constitui um atraso. Anunciar mal é tão caro e tão estéril como semear na arca ou na estepe.»

ACTUALIDADES DESPORTIVAS



FUTEBOL

Campeonato Nacional (II Divisão)

Depois de 100 pontos, uma jornada sem pontos

O «arroz» baixou um tostão, mas a rivalidade baixou mais...

Luto provincial, mercê da primeira derrota global

Olhanense, 1 — Arroios, 2
Marcador: Costa

Vimos o jogo! O Olhanense caiu estrondosamente no «tablado» do Estádio Padinha. Como um «challenger» ao título, viu transformado o seu sonho de campeão em sonho de «knock-out».

É certo que na balança do mérito Olhão pesou muito mais que os lisboetas, mas a verdade é que o fenómeno deu-se com os «rubro-negros» de bruços, em esforço, sem se poderem erguer para a réplica.

Sem estes golpes de teatro, o futebol não teria entretido, tornar-se-ia fastidioso, despiído de incerteza, para ceder as credenciais de vitorioso ao mais forte.

Ao fim e ao cabo, o futebol está bem engendrado nas mil e uma soluções que prepara ao público e aos campeonatos — sobretudo ao cartaz e à bilheteira.

E extraordinário como em futebol os números, mais que os incidentes do jogo, transfiguram uma equipa.

Depois de meia hora autoritária, definida mesmo, jogada por 21 elementos no meio terreno lisboeta, veio a transfiguração do Olhanense. O seu «latinismo», tornou-o irrecognível. O que até à meia hora fora suave, harmonioso, fácil, quase domínio, tornava-se atrito, emperamento — aflição!

A equipa perdeu o Norte, e o seu futebol deixou de ter bússola, sequência, selo de garantia dos melhores «associations» da zona.

A mutilação da asa esquerda ferira de morte a arma do ataque — a expectativa do voo para o triunfo.

Depois, foi a defesa que ocorreu em reforço, pelo desagravo ao pensamento de derrota, e rasgou, tanto mais, a noção de equipa ferida de morte.

A um quarto de hora do fim da pugna, o Olhanense dava a ideia de uma equipa qualquer, perdido e transviado das directrizes do seu saber.

Que dizer do elenco brilhante de Beja, Almada e até contra o Serpa? Sim, que dizer mais? Felizmente

que a sua negra exibição ficou entre nós, guardada das inconveniências e da má língua da imprensa grande no nome.

Saibamos aguardar com calma outra hora e meia, porque em futebol é vulgar a uma grande derrota suceder-se uma grande vitória. Na sua falta de classe, o popular desporto, entre nós, assemelha-se aos campos — com sol e sombra...

Um apontamento de felicitação para esse «Arroios», filho pródigo e estóico dessa Lisboa imensa, que pena é não o ter gerado pelo menos mais digno da sua voluntariedade.

Do resto não falaremos... É contraproducente, e contraproducente é o desporto em si 60% seguríssimos. Não avolumemos ao total essa péssima virtude, de que os clubes são afinal as vítimas morais e monetárias...

Atlético, 3 — Farense, 1
Marcador: Remigio

Quem tiver alguns anos destas andanças, prevê pela experiência, (sem ser muito longa) o que virá a suceder em futebol, quando Lisboa entra no «barulho».

Dizia-nos Camarinha, em entrevista, e com certa lógica: «Em competição decisiva com a Capital, ninguém pense triunfar».

Felizmente que o Farense ameaçou, à custa de uma prova brilhantíssima, os pontos da sua posição de «leader», de modo a ir à Tapadinha já «aprovado» e «diplomado», se não a coisa teria sido mais bárbara do que foi.

Conclui na 4.ª página



BASQUETEBOL

Campeonato Distrital

Ginásio C. O., 39 — S. C. Farense, 68
(ao intervalo 12-19)

GCO: Franco (10), Gonçalves (12), Frazão-Lázaro (4), Pinto (13).
SCF: Gago (24), Caronho (16), Estevinha (3), Mónica-Eurico (6), Belchior-Vinhas (19).

Árbitro: Manuel Adanjo Inácio.
Marcador: Joaquim Jacinto dos Santos. Cronometrista: José Pedro Reis Alexandre.

C. F. «Os Bonj.», 32 — S. C. Olhan., 38
(ao intervalo 15-25)

CFB: Bernardino (6), Barracosa (2), Dias (5), Jesuíno (4), Mendonça-Adelino (10), Brito (7), Cunha.

SCO: Cipriano-Correia (7), Martins (8), Flávio (8), Costa-Brito (15).
Árbitro: Fernando Soares Leitão.
Marcador: José Rosa V. Gouveia. Cronometrista: José J. O'Brien Oliveira.

Lusitano F. C., 53 — S. L. e Faro, 28
(ao intervalo 30-11)

LFC: Andrade (15), Leal-Carro (4), Gavino-Pinheiro (9), Branco (17), Albano (6), Belião (2).

SLF: Jorge (8), Rocha (4), Cavaco (6), Carvalhal (2), Xavier-Pinto (4), Alexandre (4).

Árbitro: Gilberto Martins Ferreira. Marcador: Joaquim Gomes Néné. Cronometrista: Manuel Martins Afonso.

CLASSIFICAÇÃO

	J	V	E	D	B	P
«Os Olhan.»	9	8	0	1	404-245	25
Farense	9	8	0	1	448-271	25
S. C. O.	10	6	0	4	511-548	21
«Os Bonj.»	9	4	0	5	355-353	17
Lusitano	9	2	2	5	290-302	15
S. L. e Faro	10	2	0	8	355-481	14
G. C. O.	10	1	2	7	279-420	13

O Ginásio C. Olhanense e o Sporting C. Olhanense têm uma falta de comparação.

Jogos para amanhã

S. C. Farense-C. F. «Os Bonjoanenses», (C. S. Luís, Faro); S. C. Olhanense-Lusitano F. C., (C. Cristóvão Viegas, Olhão); C. D. «Os Olhanenses»-Ginásio C. O., (C. Libertário Sousa, Olhão).

Os dois últimos clubes defrontam-se em 1.ª e 2.ª categorias.

Máquinas «SINGER» DESDE 1.000\$00 RESTAURADAS

Dirigir-se a: RUA SOUSA MARTINS, 62-64 VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Campeonato Nacional da III Divisão

COMPLICA-SE A CLASSIFICAÇÃO NOS LUGARES CIMEIROS

Silves, 3 — S. Domingos, 2

Realizou-se, no domingo, no campo do Silves Futebol Clube — Estádio dr. Francisco Vieira — a contar para o Nacional da III Divisão, o jogo entre o Silves e o S. Domingos, que terminou com a vitória do Silves por 3-2.

Todos os golos foram marcados na 1.ª parte, dos 17 aos 30 minutos.

Na 2.ª parte o Silves exerceu maior domínio mas, por falta de sorte, pois houve bolas a embater na trave e nos postes, e também por falta de serenidade dos seus avançados, não chegou a concretizar.

Notou-se bastante a falta de Filipe na defesa do Silves. Inácio, que teve uma 1.ª parte fraca, salvou com um voo magnífico, no minuto final da 2.ª parte, um golo que parecia certo, evitando, assim, o empate. Baía, cumpriu bem, como sempre. Pargana, bastante esforçado, também cumpriu.

Os avançados, com pouca sorte nos remates e, por vezes, também pouco serenos pois, com a baliza à sua mercê e com o guarda-redes já batido, chutavam para fora ou para a trave!...

Aleixo, do S. Domingos, deixou-nos boa impressão.

A nota dominante do desafio foi dada pela arbitragem: o sr. Marcos Lobato, de Setúbal, mereceu a classificação de 20 valores! Foi, na realidade, formidável em todo o desafio. Não houve uma falha sequer no seu trabalho. Acompanhando todas as jogadas, analisando com critério e segurança todas as faltas, não beneficiando o infractor, reprimindo o jogo duro, o sr. Lobato cotoi-se como um árbitro de primeiro plano.

Devemos, por amor à verdade, salientar que o *liner* sr. Florival coadjuvou bem.

No final do desafio, depois dos jogadores terem recolhido aos balneários, o público premiou o trabalho do árbitro com uma prolongada e quente salva de palmas, manifestando, assim, o seu agrado por uma arbitragem correcta e imparcial.—C.

Lusitano, 2 — Unidos, 1

Jogo que se apresentava emotivo, dada a posição do Lusitano na tabela da classificação e ao facto do Unidos, «leader» da poule, ainda não ter perdido. Mas, de emoção só tivemos os golos. O primeiro, por Parra nas próprias balizas, quando mal iam decorridos 5 minutos de jogo. Autêntico balde de água fria! Os dois seguintes, arrancados «in extremis» perante uma muralha de-

fensiva de respeito, que não se deixava bater.

Esperava-se mais, mas muito mais do Unidos. A sua subjugação foi total e em todos os capítulos do jogo. Uma equipa que durante os 90 minutos, em 85 não consegue ultrapassar a linha de meio campo!!!

O Lusitano, embora não jogando bem, já deu sintomas de valor global. A inclusão de Padesca no eixo do ataque, se não deu o efeito desejado — maior poder concretizador — não desiludiu, antes pelo contrário. Padesca soube ser um orientador inteligente na distribuição de jogo, proporcionando jogadas de fino apuro técnico.

Nos vencidos destacaram-se os três defesas, lutadores viris roçando pela violência. Nos vencedores, além de Padesca, Campos, Parra, Gonçalves e Antunes. Boa arbitragem.

Desportivo, 4 — Aljustrelense, 1

Um grupo só joga o que o outro o deixa jogar. Assim sucedeu ao Aljustrelense frente à laboriosa turma do Desportivo. Além do mais,

Tomé, pedra basilar da turma, sofrendo um acidente, não pôde oferecer o seu valioso concurso. A derrota surgiu inexorável, nítida, parecendo-nos até que a falta da referida unidade em nada afectaria o desfecho do marcador, porquanto os locais também «sentiram» o acidente do brioso atleta alentejano. Toda a linha avançada do Desportivo, à excepção do extremo direito, alardeou pujança física e pormenor de jogo de apreciável recorte técnico, caminhando com desenvoltura para as balizas e disparando fortes remates de todos os ângulos. Na defesa, à parte o n.º 3 que, confessamos, não atingiu capacidade para o desempenho do lugar, todos cumpriram, especialmente Gralho, um jogador de grandes recursos, de sorte que os locais se o factor sorte os não desamparam, têm todas as possibilidades de encerrar o futuro com optimismo.

Fraca arbitragem.

Despertar, 0 — Moura, 2

Jogos para amanhã

Moura (8 p.) - SILVES (8 p.)
S. Domingos (4 p.) - LUSITANO (5 p.)
UNIDOS (8 p.) - DESPORTIVO (8 p.)
Aljustrelense (5 p.) - Despertar (3 p.)



A sonda SIMRAD-Mestre de visão panorâmica A MAIS PRÁTICA E MAIS ECONÓMICA COMPLETAMENTE ESTANQUE ASSISTÊNCIA TÉCNICA GARANTIDA SOCIEDADE OCEÂNICA DO SUL, S. A. R. L. — AGENTES EM TODO O ALGARVE —

ATENÇÃO

PESCADORES E ARMADORES!

Fios de nylon e perlon contínuos de todas as grossuras e resistências, JAPONÊS, Alemão e Francês, para redes de pesca, etc.

FIOS DE ALGODÃO E REDES, assim como todos os artigos para a pesca.

Vende-se directamente ao pescador (Marítimo) qualquer quantidade e faz-se seguir por encomendas postais à cobrança.

Escrever ao depósito geral Apartado 309, T. P. LISBOA

CEAL

Companhia Eléctrica do Alentejo e Algarve

(S. A. R. L.)

Sede em LISBOA — Rua Castilho, n.º 1-2.º

Telef. 731151

Delegação no Algarve — Subestação de Loulé

Telef. 180

Concessionária da grande distribuição de energia eléctrica no Baixo Alentejo e Algarve

Já apta a fornecer energia eléctrica em alta tensão para fins industriais, agrícolas e outros nos concelhos de Tavira, Alportel, Faro, Loulé, Albufeira, Silves, Lagoa, Portimão e Lagos.

Prestam-se esclarecimentos e fornecem-se orçamentos na Sede e na Delegação em Loulé

TROPISMOS NA VIDA DOS PEIXES

EM GERAL E, EM ESPECIAL, NA VIDA DO ATUM

Conclusão da 1.ª página

métrica, o movimento é desviado. Assim, a acção inicial do tropismo, pode juntar-se a de outros factores, que terão influência coincidente ou divergente; isto, não falando da força do estímulo e do estado fisiológico interno do animal, o que tem a sua importância.

O movimento do girassol é um tropismo, como o é o de certas raízes, crescendo verticalmente, e de certos animais, como a enguia, nadando contra a corrente dos rios, etc.

Um exemplo que consideramos característico é o dos insectos (borboletas e traças) atraídos pela luz de uma vela; primeiramente, correm em linha recta para a luz, que é um estimulante agindo sobre os órgãos simétricos; depois, cremos que o movimento muda, de rectilíneo para curvilíneo, talvez porque a acção do calor leva o insecto a afastar-se da linha recta; mas ao mudar de direcção, recebe a acção do estímulo numa face do corpo, num olho, e não nos dois, e, assim, há desequilíbrio da acção estimulante: o animal, recebe a sensação no olho virado para a luz, que a transmite ao insidente hemisfério central correspondente ao do mesmo lado; mas, este hemisfério, comanda os movimentos do lado oposto, isto é, do lado da sombra, pelo que, excessivamente excitado, faz mover, faz vibrar mais rapidamente, a asa do lado da sombra, o que dá um movimento do animal convergente para o lado da luz, que se exerce em espiral de passo mais apertado, sucessivamente; por fim, o animal, na última volta da espira, vai queimar-se na chama da vela.

Esta cremação dos insectos explicada pelo fenómeno do tropismo.

Também se pode definir o fenómeno do tropismo:

a) — Como o fenómeno complexo que, automaticamente, impelle certos seres organizados a deslocarem-se sob a influência de diversas causas excitantes, tais como calor, actividade nutritiva, etc.; e b) — Como o crescimento ou progressão dum organismo em direcção dada, sob a influência dum excitante exterior.

Está cientificamente averiguado que as migrações dos peixes, são determinadas por tropismos.

2 — Heliotropismo

A migração genética e errática do atum é, possível e respectivamente, consequência dum tropismo devido à acção da luz solar por motivo dum heliotropismo e, também, devido à falta momentânea dessa luz, em consequência do acaso solar, e na direcção em que o Sol aparece e desaparece.

É o Sol, a sua luz intensa, quando este astro dispõe de cerca de 20 graus de altura acima do horizonte, depois do nascimento, que actua de momento, como estimulante sobre o atum, de forma simétrica, quando inicialmente se encontra em estado de maturação sexual, e o faz mover para Leste, segundo o seu azimute nesse momento, porque o estado fisiológico interno ou genético deste peixe — a necessidade da desova — a isto é propicio, como, desde que uma necessidade se encontra satisfeita, e talvez substituída por outra, o tropismo se torna reversível, negativo, etc., e, então, o atum, em idênticas circunstâncias, marcha para Oeste, forçadamente, na direcção do azimute do Sol, em dada ocasião, isto é, quando ele se põe no seio das águas do mar.

O atum «estacionário» (vulgo, «de recuado» na costa de Tavira), seria o que soffera um desequilíbrio da acção do estímulo, ou por ter mudado de direcção devido a aterrar nos baixos fundos das costas, marítimas, ou por outro estímulo exterior, de acção assaz forte, para o desviar do caminho primitivo.

Este novo estímulo — além dos baixos fundos das costas da atterragem — pode ser o roaz, ou qualquer outro agente que atemorize ou intimide o atum.

Curioso seria estudar os órgãos

de sensibilidade exterior deste esbelto e possante filho do mar.

3 — Branquiotropismo

As migrações são consequência das necessidades de reprodução. Por um lado, a migração liga-se à génese dos elementos sexuais, que exigem uma reprodução mais activa; e, por outro lado, este acréscimo de exigências respiratórias arrasta o indivíduo para as águas cada vez mais ricas em oxigénio dissolvido, pelo que, por isso, é guiado pela acção directa do meio. O branquiotropismo reproduz representativa aqui a causa determinante.

4 — Os deslocamentos e a vida exterior dos peixes

Julga-se que os peixes se deixem dirigir por um sentimento superior e cego, que não tem necessidade de conhecer directamente e que os desloca para melhor satisfazerem à conservação da espécie.

As opiniões seguem aqui duas directrizes: numa, a personalidade do peixe ocupa o primeiro lugar: é ela que escolheira, que dirigiria, segundo o seu instinto, e mercê de toda a independência, no que respeita às circunstâncias envolventes; noutra, pelo contrário, são estas circunstâncias que se colocariam em primeiro lugar; é o meio e a água, ela própria, que segundo as suas variações irregulares ou cíclicas, infligiriam aos seres aquáticos mudanças e deslocamentos.

A primeira opinião é a mais antiga e a mais aceite. Ela faz intervir o instinto, a memória visual, a memória olfato-gostativa, nas deslocações de diversas espécies que resultariam de aquisição de hábitos hereditários. Aplica aos migradores aquáticos o que se presume para os migradores terrestres. Uma hereditariedade de atitudes e de impulsões não satisfaria, se por ventura ele não encontrasse, nas condições exteriores, o próprio motivo das suas operações.

Assim, a segunda opinião é mais científica e plausível. Consiste em admitir que a diversidade do meio actua, de certo modo, e mais ou menos intensamente, nas manifestações vitais dos indivíduos, as quais ela determina muitas vezes. É ainda essa diversidade de meio que conduz estes indivíduos quase sempre.

5 — O papel dos tropismos nos deslocamentos dos peixes

Designam-se por tropismos, conforme se referiu precedentemente, os deslocamentos automáticos e involuntários de que os seres são objecto, sob a influência de uma excitação vinda do exterior.

Os peixes, de facto, obedecem a diversos tropismos, confirmados pela ciência.

Em obediência às regras dos tropismos, eles dirigem-se em conformidade com as mudanças exteriores; o deslocamento deles é de sinal positivo ou negativo, conforme vão em sentido da excitação ou em sentido oposto ao deste estímulo.

Parece exagero qualificar assim movimentos de grande amplitude e superioridade. As viagens empreendidas por certas espécies, e que denotam notável constância de impulsões, os próprios reforços, o jogo das barbatanas, os dispêndios musculares nervosos de que tudo isto necessita, parece que mal se harmonizam com fenómeno tão simplificado. Mas é preciso esclarecer que a simplicidade está apenas na aparência. Tudo na Natureza se proporcional. Os tropismos são simples entre seres pouco elevados.

As necessidades de nutrição, de

respiração e de reprodução tornam-se outras tantas causas de deslocamentos e de mudanças que regulam e ordenam as variações exteriores. Os peixes, em suma, subordinam estreitamente a sua vida às exigências momentâneas do que os rodeia. Tudo neles, na sua vida geral, depende do lugar e do momento.

6 — Os tropismos sensitivos

a) — Fototropismos dos peixes. Estes animais são sensitivos à luz. Segundo a sua espécie ou o seu estado, eles são atraídos para a luz ou repellidos por ela.

b) — O papel dos tropismos nos deslocamentos. Vários outros tropismos parecem igualmente influir, ainda que em grau menor, sobre estas aparições e desaparecimentos periódicos. A época da maturação genital é muitas vezes a de uma assimilação mais activa e duma respiração mais intensa. O indivíduo experimenta, sem dúvida, a necessidade de ter em volta dele uma água mais rica em oxigénio, que ele encontra na zona superficial do mar: o branquiotropismo ajuntaria assim a sua acção à dos precedentes. O fototropismo pode igualmente intervir, principalmente no sentido negativo.

7 — As direcções principais dos deslocamentos periódicos

Estes deslocamentos assim regulados pelos tropismos, consistem pois em ascensões e mergulhos alternados ou em aparições e desaparecimentos, completadas por uma translação mais ou menos extensa no sentido horizontal. As aparições comportam os dois movimentos conhecidos: um, de subida vertical, que faz progredir o indivíduo desde as profundidades até às camadas superiores; o outro, de translação horizontal e de afastamento da zona em que a subida se realizou. Esta translação pode classificar-se de «oceânica», quando é feita para o largo, e de terrestre, quando, pelo contrário, conduz para a costa.

As desaparecimentos periódicos comportam dois movimentos que se não separam: uma descida da superfície para as zonas profundas; e uma translação, segundo a inclinação do fundo, para as profundidades, onde as águas, mais calmas, estão em estado físico mais constante, ou menos desfavoráveis que a superfície. Os dois movimentos associam-se normalmente para conduzir progressivamente o indivíduo à região mais conveniente.

Contrariamente às aparições, que fazem em massa num espaço de tempo curto e em área restrita, as desaparecimentos completam-se lentamente em ordem dispersa e em área muito vasta.

NOTA — Os elementos precedentemente citados, além de alguns serem da nossa autoria, outros foram-nos facultados pelo distinto professor, dr. Falcão Machado, e outros, ainda, foram respigados de dadas obras do grande cientista, prof. ROULE, por quem, acima de todos, temos a mais elevada consideração, pelo maior crédito que nos oferecem as suas teorias sobre a vida das espécies ictiológicas.

José Salvador Mendes

VENDE-SE
Lote de terreno no sítio do Lazareto, confrontando ao Sul com a estrada da Mata.
Informa-se na redacção do «Jornal do Algarve».

UMA OFERTA da ADEGA COOPERATIVA DE TAVIRA ao «Jornal do Algarve»

DOR intermédio do seu distribuidor exclusivo, sr. Manuel Pires Mateus, recebemos da Adega Cooperativa de Tavira a oferta de 8 garrafas do seu apreciado vinho finto — rubi claro. Vinho de esplenidias características e de reconhecida pureza — qualidades que lhe têm assegurado o mais sólido crédito e a preferência do público consumidor — havemos de fazer-lhe as devidas honras num almoço em que a equipa do *Jornal do Algarve* se reunirá muito em breve.

A direcção da Adega Cooperativa de Tavira, agradecemos a amável lembrança que se dignou ter para com o nosso jornal e reiteramos os nossos votos de que a sua acção administrativa alcance, prontamente, os elevados objectivos que tem em vista e que, por certo, muito hão-de contribuir para o progresso e desenvolvimento da vitivinicultura no Algarve.

E NINGUÉM tinha dado por isso?!

Conclusão da 1.ª página
che, simpática aldeia dos arredores de Lisboa com uma prestimosa e diligente corporação dos bombeiros. E não podemos deixar de manifestar a nossa surpresa por se ter deixado chegar a tal miséria os serviços de incêndios de uma das maiores terras do Algarve — serviço de incêndios que aliás tem uma função mais dilatada porque aos bombeiros compete, não apenas apagar fogos mas acudir a todas as calamidades públicas. E' pasmoso e é triste que alguém, quando se lhe pediu socorro, tivesse levemente dito as palavras que «O Século» reproduziu.

E' certo que as populações nem sempre dispõem aos zeladores voluntários da sua segurança e carinho que deveriam. Mas dá a despaçar-se um pedido de socorro naqueles termos perentórios e desalentadores vai uma distância que a moral não consegue percorrer sem deixar esfarrapadas nas suas do desleixo as vestimentas do seu crédito.
E' assim mesmo. Digam lá o que disserem!

FUTEBOL

Campeonato Nacional da II Divisão

Conclusão da 3.ª página
O futebol-garra do Atlético não só tornou a partida «dura», como não permitiu que os «Leões de Faro» mostrassem o seu real valor. E... digamo-lo com a máxima franqueza que sempre nos caracteriza: Na Tapadinha, no domingo, não foi apenas o Farense o vencedor. Mais alguém perdeu... Guimarães, Covilhã, Boavista, Olhanense e Juventude perderam também, um em qualificação e os outros em decisão. Felizmente que o jogo de passagem ficará a um deles... O tempo o dirá. São apenas uns domingos mais...

O leitor desculpe eu estar um tanto ou quanto enigmático, hoje, mas o espaço não é aquele que eu desejaria para expressar-me sobre os jogos de domingo.

Almada, 2 — Portimonense, 0

O Portimonense fora vencido de antemão. A falta de Camarinha era uma brecha de considerar — a voz do ataque, que dita os triunfos.

Deste modo, os barlaventinos tiveram de alterar o jaez da sua equipa, «remendando-a», é o termo, e aceitar a competição do Pragral como derrota implacável para as suas aspirações de terceiro classificado.

As críticas assinalam um Portimonense pelo fraco, o que é de admitir dada a «manta de retalhos» em que influiu certamente o «botafora» de Lisboa, castigando e inutilizando o ponto forte dos portimonenses.

Decididamente, não se pode deixar de dizer que os grandes meios não tenham olhos...

Jogos para amanhã

A despeito do título da zona e do 3.º lugar ainda estarem em expectativa até ao derradeiro momento, nada faz prever alterações no ritmo da prova que desagua, domingo, no sentido da fase final.

O Juventude joga em Beja mas nada lhe poderá valer, mesmo que triunfe, a menos que o seu colega da região seja capaz de repetir a graça da Tapadinha, em «canto de cisne» vibrante.

Em Faro, tudo decorrerá facilmente tal como em Portimão, onde se joga para «aquecer», simplesmente.

No Estoril, o Olhanense com cinco pedras a menos (Parra, Cava, Reina, Poeira e Bento) perderá. Já porque o confronto de valores admite a derrota, já porque Lisboa tentará fugir à passagem e ao risco da perda de um outro «Olivais».

Todavia, Portalegre não lhe perderá, estamos certos, a não ser que um árbitro jeitoso, enquadrado na equipa do Montijo, actue de modo a evitar ao grande meio um novo golpe de Congresso.

António A. Santos

O Algarve no Tribunal de Contas e a acção benemerita do seu conservador-arquivista

Conclusão da 1.ª página
N. Senhora da Conceição dos Voluntários Reaes sita no Convento de S. Francisco da cidade de Faro. Anno de 1767.

«Livro dos Salgados» — precioso manuscrito de que damos a reprodução da 1.ª página, referente às marinhas e salgados de Loulé.

Certamente outros se encontram no precioso Arquivo, onde todos, mediante autorização superior (nunca negada a quem tem interesse pela investigação) dispõem de elementos de consulta que vulgarmente faltam (e deviam existir) noutros arquivos nacionais. Um completíssimo ficheiro poupa aos estudiosos demoradas horas de busca; a par dele, e mais precioso, todos contam com o generoso e sábio auxílio do actual conservador-arquivista, sr. Luís de Bivar Guerra, historiador, heraldista e genealogista muito distinto, autor de valiosos trabalhos

Emílio Campos Coroa
MÉDICO ESPECIALISTA
DOENÇAS DOS OLHOS
Consultas às 11 e às 15 horas
Rua Filipe Alistão, 27 - FARO
Telefone 475

A DEFESA da criação da sardinha e a vantagem da fiscalização a bordo

Conclusão da 3.ª página

ção? São os conserveiros dos frutos, das conservas de peixe, o comércio, etc.

3.º — E porque todos os companheiros duma «arte» têm interesses na pesca, todos devem colaborar no sentido de evitar a destruição do peixe miúdo que não lhes dá interesse algum. Matá-lo, é contribuir para a perda do seu ganho-pão de amanhã, e o dos seus filhos.

Pertanto, somos e continuaremos a ser do parecer desse mestre de maneira que afirma que a única maneira viável de pôr cobro à grande destruição do peixe miúdo, é ter um fiscal a bordo. A fiscalização em terra pouco ou nada adianta, e senão vejamos:

a) Será protecção apreender barcos carregados de peixe miúdo, que será distribuído pelos necessitados ou vendido para a Casa dos Pescadores, ou ainda deitado ao mar para alimento de outros peixes?

Não! Aplicam-se muitas, casam-se as cartas dos mestres por uns dias e pronto. A mortandade continua. Ora, o que pretendemos é evitar essa mortandade, protegendo a criação, o que só é possível na altura de cercar o peixe e, ao reconhecê-lo, dar-lhe liberdade para o seu desenvolvimento. Por consequência é no mar e não em terra que deve existir a fiscalização.

b) Sobre a medida na malhagem das redes, um pouco mais larga, conforme determina a circular da Direcção das Pescarias — Proc. 25/12 — n.º 1.175 de 9-11-1948, o resultado é também quase nulo e, muitas vezes, prejudicial, porque num lance em que entram sardinhas grandes misturadas com pequenas, estas não se salvam porque as sardinhas grandes, que têm o instinto de salvação mais desenvolvido e maior rapidez de movimentos para fugir à prisão, são as primeiras a emalhar, vedando, assim, a saída das sardinhas pequenas, dando como resultado a perda do valor das grandes e a mortandade das pequenas. Além disso no tempo em que começa a aparecer o peixe de Sueste (sardinha meã com a medida da lei) que é ideal para a conserva, esta malhagem de redes claras não é capaz, por deixar sair toda a sardinha.

As redes devem continuar com a mesma malhagem. O que é imprescindível é uma rigorosa fiscalização no mar. E, se é deprimente para os mestres de pesca dos certos e traineiras, andarem com um fiscal a bordo, o Governo que crie a fiscalização, usando pequenas vedetas muito rápidas para acompanharem o movimento da pesca. A continuar assim, caminhamos a passos largos para a ruína da nossa maior riqueza — a pesca da sardinha e a indústria conserveira.

Eurico Santos Patrício

Moagem de Ramas em Moncarapacho

Vende-se ou arrenda-se em plena laboração, equipada com motor de 40 H. P., a gasóleo, novo, 2 caais de mós francesas e demais utensílios indispensáveis.

António A. Santos

bem conhecidos, e que é um dos mais competentes bibliotecários-arquivistas do País.

Nada custa dizer, pois é verdade, que a ele se deve a existência de tão rico arquivo, pois ele o salvou da destruição, o arrumou, o valorizou, o catalogou e o tornou conhecido.

Só como exemplo do desinteresse que os documentos merecem a muitos, referiremos dois factos.

Há no Arquivo do Tribunal uma colecção constituída por 286 espécies, quase todas em pergaminho, desde o século XIV ao século XIX: cartas de padrões de tenças, de mercês e doações. Esses valiosos documentos estavam embrulhados e atados num volume que por fora só tinha esta indicação: «Vol. VI». Buscados os outros volumes, não foi possível recuperá-los, pois os documentos, vendidos, já andavam servindo para palmilhar sapatos...

Alguém um dia se lembrou de colocar sob um vaso com uma avença os três livros preciosos das contas da Guerra Peninsular! E a água do vaso apodreceu um dos livros e inutilizou os outros dois...

Sentimo-nos satisfeitos de, a propósito dos documentos do Algarve referentes, publicamente salientarmos a acção meritória, patriótica, devotada, do sr. Luís de Bivar Guerra, que em anos de esforço (nem sempre compreendido) salvou para a Nação um património riquíssimo, durante anos desprezado, e hoje ao dispor de todos os que têm interesse pela história e pelas coisas de Portugal, e... dos Algarves.

Alves Monteiro

Clube Recreativo Lusitano

COMO noticiámos, efectuou-se em 24 de Fevereiro uma Assembleia Geral extraordinária no Clube Recreativo Lusitano, prestimosa colectividade que há alguns anos se evidenciou em Vila Real de Santo António por muitos empreendimentos de alto nível cultural e recreativo.

Exposta a precária situação do Clube pelo presidente da Assembleia, foram ouvidas interessantes sugestões de vários sócios, formando-se uma comissão para avistar-se com o proprietário do edificio onde aquele está instalado, após o que a sessão foi suspensa, devendo continuar hoje, às 22 horas.

Sabemos, entretanto, que do encontro da comissão com o proprietário do prédio, resultaram vários planos e propostas que, a concretizarem-se, farão do antigo «Grémio Lusitano» um clube modelo no seu género. Muito nos regozijaremos se tal suceder, pelo benefício que as realizações indicadas, no seu conjunto, virão a representar para a Vila Pombalina.

No próximo número de *Jornal do Algarve*, conhecidas as conclusões da Assembleia, daremos pormenores.

NECROLOGIA

D. Maria de Jesus Oliveira Bastos

Após prolongado soffimento, faleceu em Olhão, a sr.ª D. Maria de Jesus de Oliveira Bastos, de 60 anos, natural de Verede, Montemor-o-Velho, mas há muito residente naquelle localidade.

Era casada com o industrial sr. António da Silva Bastos e mãe das sr.ªs D. Maria Luísa de Bastos Guerreiro e D. Maria Helena de Oliveira Bastos Veia, sogra dos srs. Joaquim Rodrigues Guerreiro e João de Almeida Veia, ambos industriais. A morte da bondosa senhora, causou grande mágoa em Olhão, onde era muito estimada, pelas suas belas qualidades e generoso coração.

No seu funeral, que foi uma sentida manifestação de pesar, incorporaram-se pessoas de todas as classes sociais.

A família enlutada o *Jornal do Algarve*, apresenta sentidas condolências.

Também faleceu: Em OIRAS — o sr. Manuel Romão Horta, de 49 anos, natural de Alcoutim.

Cine-Foz

DOMINGO, um filme de Jean Dellanoy, *Suspeita*, com Raf Vallone e Michèle Morgan. (Para 17 anos).

TERÇA - FEIRA, *Escola de Vagabundos e Mártir do Calvário*. (Para 6 anos).

QUINTA-FEIRA, *O dossier negro*, um filme de André Cayatte. (Para 17 anos).

3 produtos especiais para a comodidade de quem usa Dentes Postiços

Compre hoje mesmo em qualquer Farmácia ou Drograria: POLIGRIP CREME ou PÓS DR WERNET, dois fixadores admiráveis e sem similares. Use também POLIDENT — Para a limpeza diária da sua dentadura.

À CONSTRUÇÃO CIVIL
CHAPAS DE
AGLOMERADO DE CORTIÇA
PARA ISOLAMENTO
DEFESA DAS HABITAÇÕES CONTRA O FRIO E O CALOR
IDEAIS PARA VARANDAS E TERRAÇOS
CANELAS & FIGUEIREDO, L.
Teléfonos 25058, 24502 e 21729 — R. Fanqueiros, 46 — LISBOA
FÁBRICAS EM LAGOS

APESAR DAS OBRAS REALIZADAS a Câmara de Olhão APRESENTA O SALDO DE 1.282 CONTOS

Conclusão da 1.ª página

o ritmo verificado em anteriores gerências.

No entanto isto não impediu que no ano transacto se dispendessem em obras e melhoramentos as seguintes importâncias: reparação e conservação dos mercados da vila, 27.510\$40; conservação e reparação das casas do Bairro Marechal Carmona, 24.885\$90; reparação de estradas e caminhos, 28.338\$50; reparação de arruamentos da vila, 62.477\$30; abastecimento de água a Olhão, 321.571\$50; saneamento da zona vizinha da doca de pesca, 86.063\$20; reparação da estrada municipal de Olhão a Pechão, 162.653\$30; construção da estrada municipal de Moncarapacho a Estoi — 2.ª fase, 10.559\$50; construção da estrada municipal de Moncarapacho a Estoi — 3.ª fase, 141.253\$40; ampliação do edifício dos Paços do Concelho — 1.ª fase, 56.887\$80; urbanização do Bairro dos Pescadores de Olhão, 12.857\$00; aquisição de prédios para urbanização e arruamentos da vila, 124.600\$00; urbanização do Bairro dos Pescadores da Fuseta — 2.ª fase, 9.866\$00 e compra de uma caixa basculante para recolha de lixo e sua adaptação a um dos camiões, 38.315\$00.

No relatório faz-se referência à inspecção administrativa de que foi objecto a Câmara e que levou à punição de alguns funcionários, o que não impediu que a citada ins-

pecção exarasse no seu relatório a seguinte apreciação.

«Ponhamos em relevo a boa vontade, o enorme desejo do sr. presidente para que toda a actividade municipal se desenvolva no sentido de gradual aperfeiçoamento. Não podemos deixar de sublinhar o seu empenho em moralizar o funcionamento dos serviços, eliminando vícios antigos, chegando até ao afastamento definitivo de servidores de pernicioso permanência. Elucidativa é ainda a sua acção quanto à reposição feita por um empreiteiro numa obra em que lhe fora paga a mais determinada importância e na propositura de acção judicial destinada à reposição por parte de outro empreiteiro de vultuosa importância que também recebeu a mais».

Verifica-se que no ano findo as receitas, incluindo o saldo do ano anterior, subiram a 6.335.274\$20 e as despesas a 5.052.589\$80, passando para este ano o saldo de 1.282.684\$40.

ELECTRICISTA DE AUTOMÓVEIS

Oferece-se, com longa prática. Bobinagem, reparações, etc. Carta à Rua Álvares Botelho, 25 — TAVIRA.

Funcionalismo público

Concursos

Foi publicada a lista provisória dos candidatos admitidos ao concurso para provimento do lugar de escrivão de 2.ª classe da Junta de Província do Algarve (Faro).

— Está aberto concurso para provimento dos lugares entre si anexados de conservador do Registo Civil e de notário de Alcoutim.

Transferência

A conservadora do Registo Civil e notária de Alcoutim dr.ª Jerónima do Carmo Godinho Vinagre, foi transferida para o lugar de notária de Lagoa.



PORQUE TEM o «Jornal do Algarve» A SUA SEDE

em Vila Real de Santo António

Conclusão da 1.ª página

«Porque que um jornal, para zelar e batalhar por uma região ou por um ideal, esteja localizado em ponto previamente estabelecido. Qualquer lugar serve para quartel general da batalha.

Tem sido preocupação deste jornal — e é esta a sua razão de ser — tratar em pé de igualdade, sem preferências impertinentes ou bairrismos ridículos, todos os aglomerados da pequena Terra Algarvia. Os bairrismos ficam bem aos nossos estimados colegas que têm a incumbência de zelar pelas suas terras e alguns fazem-no com muito entusiasmo e brilho.

Ao Jornal do Algarve está vedado circunscrever-se ao âmbito restrito de uma terra ou de um concelho. Se assim fora não seria «do Algarve»; seria daqui ou dali.

E já agora — vá lá esta confidência! — diremos que não é na terra em que se edita que o Jornal do Algarve tem os seus mais desinteressados amigos. Sem minimizar a ajuda e a estima de todos, queremos manifestar os nossos agradecimentos aos albufeirenses e aos lacobrigenses que estando distantes da nossa redacção, quase no extremo oposto da nossa rua, têm sido de uma dedicação que não é possível esquecer. E se alguns comprovincianos se queixam de menos zelo da nossa parte pelas suas terras, podemos garantir que as suas queixas são infundadas e a si próprios se devem atribuir a responsabilidade desta suposta lacuna.

O Jornal do Algarve é do Algarve e como tal o seu desejo, desde que lhe ofereçam os indispensáveis materiais, é servir o Algarve. A sua localização é ponto secundário.

O que interessa, repetimos, é servir, procurando servir bem e com oportunidade. De resto, quanto a localização de jornais, temos um exemplo flagrante em Pontevedra. Sendo esta cidade capital da província não tem um único jornal e no entanto Vigo, cidade dessa província, hierarquicamente inferior, tem dois diários, um deles «Faro de Vigo», que já festejou um século de existência e é um dos maiores jornais da Península.

O que importa, amigos, é servir o interesse comum e obter os estímulos correspondentes a esse entusiasmo. O resto, o nome da rua e o número da porta, interessa sim, não ao leitor, mas ao carteiro.

CRÓNICA AO SOM DA CHUVA MEU RICO VERÃO!!!

Continuação da 6.ª página

zenta de chumbo e, com um frio-zinho «de escanhoar barbas» reviradas, nem o mais encaimado «sportman» se atreveria a tomar banhos de sol, ou melhor, de nuvem.

O campo entristece, é melancólico e, com as chuvas, as cheias pavorosas e as trovoadas, nem sei como o próprio camponês não deita a correr para a cidade.

Ora, ora! Falar-se de saúde!

Todos nós sabemos muito bem quando é que o farmacêutico anda numa roda viva, dos xaropes para as aspirinas, dos suadouros para a mostarda, das ventosas para o chá de borragem.

Então as constipações, as gripes, as pneumonias, as bronquites, os catarrhos e outras malezas que ceifam gente como quem vai de caminho, não é no Inverno que descem de fútil em punho à vereda dos pobres mortais?

E já que falamos em pobres, poderemos esquecer-nos de que os pobresinhos de Cristo, os que não têm manta e andam por aí aos baldões da sorte, pior, do azar, estão sempre temendo que chegue o Inverno que os flagela e multiplica a sua desdita?

Desastres!!! Mas então as inundações, as trombas — salvo seja — de água, os diques rebentados, as barreiras caídas sobre a via férrea e seus concomitantes descarrilamentos, os vendavais que afundam navios, os raios que fulminam e incendeiam e... sei lá, valha-me Deus!!! Então isto não conta? Não é Inverno?

Eu bem os vejo... os tais que cantam o Inverno. Quando ele vem, passam engolfados, como se diz por aqui, espirrando e tossindo, cachene enrolado até às orelhas, como galinhas com a cabeça debaixo da asa. Então assim é que é?

Meu rico Verão! As suas noites serenas, convidando ao passeio e ao cavaco, as suas encantadoras flores perfumando o ar, os arraiais cheios de alegria, as praias repousantes, gritantes de cor, os campos calmos e idílicos, as pescaças do sabroso atum, o turismo recreativo e nómada fugindo às roncenas preocupações, as frutas ricas e abundantes, as loiras e prometedoras eiras, o à-vontade com que nos vestimos e movimentamos!...

Os namorados adoram o Verão por poderem sair a passeio, apertar-se a mão furtivamente ou trocar um beijo rápido, defendido do olhar guardador pela esquina que se dobrou ou vai dobrar.

O Verão!!! Compara-se lá!... Mas haverá ainda quem venha falar-me dessa encanzada época das chuvas, das lamas, dos frios, do diabo, que é o Inverno?

Se até as crianças embirram com ele por causa da colherada chata do óleo de figado de bacalhau!

Meu rico Verão!

Sebastião Leiria

O Jornal do Algarve vende-se em Lisboa, na Tabacaria Mónaco, no Rossio.

MICROMOTOR, LDA.

FILIAL DE FARO

Largo do Mercado, 60

Telefone 733

Apresenta a melhor bicicleta motorizada

SETA

com motor

H M W

3 VELOCIDADES

Grandes facilidades de pagamento

Necessita-se agente em Vila Real de Santo António

HOTÉIS E TURISMO

Conclusão da 1.ª página

um moderno hotel encerra. Carece de conhecer línguas, principalmente a francesa e a inglesa, e de se instruir como director de hotel.

Não nos esqueçamos que o hotel ocupa relevante papel na vida social e económica dum país. A indústria hoteleira, em certas nações, é reputada como uma verdadeira produtora de riqueza. Nos vários tratados do género, que tenho lido, o hoteleiro é considerado de maneira excepcional. É personalidade de grande importância em qualquer país, porque é ele quem instala o visitante, quem lhe dá a casa e a comida, é quem primeiro toma contacto e trata de perto com o turista. É ele quem primeiramente fundamenta ao viajante o valor dum povo e quem lhe transmite a sua sentimentalidade. E dessa hospitalidade são, dessas relações súbitas, desse convívio e das impressões colhidas é que surge, naturalmente, o fenómeno de transcendência social e económica que se chama «turismo».

Ora, segundo opiniões abalizadas, o turismo depende muito: da propaganda, das facilidades alfandegárias e policiais, dos transportes, da hospedagem e dos atractivos. Mas,

o principal factor do turismo é na verdade a hospedagem. Diz a experiência de várias nações que a resolução do seu problema depende do «crédito hoteleiro». A posição elevada em que se encontra a hospitalidade nos diversos países que exploram o turismo, foi devida ao «crédito hoteleiro». Crédito oficial, aplicado na construção do hotel, na sua manutenção e nos melhoramentos, porque, não é só construir-se hotéis, é necessário também, mantê-los em bom estado de conservação e sobretudo modernizá-los. Um hotel passa de moda com uma rapidez extraordinária.

Vejam, pois, o que sucede por exemplo, na França, a grande nação do turismo, que tão vasta percentagem de turistas nos tem fornecido, onde os hotéis têm todo o apoio por intermédio da bela organização da Caixa de Crédito Hoteleiro, Comercial e Industrial, que faz empréstimos ao hoteleiro pelo prazo de 14 anos para a construção e reequipamento dos hotéis, um regime de crédito que assume a responsabilidade pela construção de novos hotéis e pela conservação dos antigos.

Meditemos também, um pouco, sobre o que se passa na Argentina, nação que não conseguiu como nós, atrair um grande número de turistas internacionais, mas que tem assegurado no Banco Hipotecário Nacional, o crédito hoteleiro à volta de 60% a 70% do valor da garantia, pagável entre 20 a 30 anos.

Por todas estas razões, caríssimos leitores, continuo com um grande interesse a desenvolver os meus estudos sobre o hotel, procurando esclarecer-me o melhor possível sobre o que se passa no mundo hoteleiro. Indago pelas várias formas ao meu alcance, como é que nas grandes nações de turismo os grandes hoteleiros procedem, e, aprendendo com eles, pelo menos, ficara mais vincada no meu espírito a confiança nas possibilidades que o nosso Algarve terá, um dia, em construir também os seus hotéis de turismo.

Arnaldo Martins de Brito

— BARD AHL —

SOCIEDADE OCEANICA DO SUL, S. A. R. L.

Rua de S. Bento, 178-1.º

LISBOA

Motores marítimos: SKANDIA, KAMPER, ATLAS IMPERIAL
Sondas e rádios telefones para a pesca: SIMRAD
Máquinas para a indústria de conservas: SUDRY
Aparelhos gravadores de som para ditado: ASSMAN
Aparelhos descongeladores e de aquecimento para a indústria e conforto MASSER
Máquinas para café-creme EUREKA
Agentes em todo o Algarve

«AS CAVES DO GUADIANA»

Por motivo de retirada, trespassa-se este bem conhecido Café-Restaurante. Bom emprego de capital. Informa o proprietário VICENTE RODRIGUES — Vila Real de Santo António.

Fábrica Mecânica de Cordoaria

CASA FUNDADA EM 1834

JACINTO NICOLA COVACICH

CABOS PARA NAVEGAÇÃO E PESCA EM

MANILA - SISAL - CAIRO

LINHO - ALGODÃO

MALHETAS-FIOS PARA REDES

FIO DE CEIFEIRA-ATADEIRA

Endereço Telegráfico: CORDOARIA

TELEFONE 023034

BARREIRO

MOTORES DIESEL
MERCEDES-BENZ
MARÍTIMOS E INDUSTRIAIS

FAMOSOS EM TODO O MUNDO PELA SUA MAGNÍFICA ROBUSTEZ E GRANDE ECONOMIA. GARANTINDO UM ELEVADO RENDIMENTO E A MAIOR SEGURANÇA DE FUNCIONAMENTO DE 20 A 2500 HP

REPRESENTANTES
C. SANTOS LDA.
DIVISÃO MARÍTIMA E TÉCNICA — TRAVESSA DA GLÓRIA, 17 — LISBOA

FILIAL EM VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO, NA RUA TEÓFILO BRAGA, N.º 50

O ALGARVE NA OBRA DE TEIXEIRA GOMES

URBANO Rodrigues, que visitou a propriedade dos Pegos Verdes propositadamente para auscultar o ambiente no qual o escritor exilado fez decorrer alguns dos seus contos, escreveu sobre aquele recanto: «Foi ali, nas longas contemplos sem desvio de atenção... que mais se enraizou na sua alma a paixão pelo Algarve — que ele fez provisão para sempre da sua luz, da sua cor, dos seus aromas entre doces e bravios...»

Recordando uma conversa que tivera com Teixeira Gomes, em Londres, o mesmo biógrafo atribui-lhe estas palavras: «Se vir um dia os Pegos Verdes, há-de gostar. É raro encontrar-se tão bela amostra das seduções da natureza! Se eu puder um dia, se tiver tempo para aquietar ali o espírito como dantes me sucedia; se voltar a ter a receptividade das coisas maravilhosas que andam sempre dispersas na imaginação de quem sente e gosta de ver — hei de escrever um livro, talvez um romance lírico, sobre aquele fundo soberbo.»

Impossibilitados, por razões evidentes, de juntar a este estudo a formosa antografia do Algarve que é possível compilar de textos extraídos a cada um dos livros de Teixeira Gomes, contentar-nos-emos em elaborar uma tentativa de sumário que documente até que ponto está a província do autor presente na sua obra.

Começamos pelo «Inventário de Junho», que João Lúcio considerou «a mais fina e a mais elegante revelação de um artista excepcional, de um plástico e de um impressionista, que acorda de novo os ritmos adormecidos depois que as penas de Gauthier e de Eça paralisaram.»

Aquela obra principia por uma evocação das figuras «belas», «afáveis» e «pitorescas» que perpassam pelos quadros da sua infância, a qual ele se põe, continuamente, «a esborralhar».

Aparecem aí o tio João José e a avó de Ferragudo.

E' a esses primeiros anos de Ferragudo — confidência — que eu me recolho, como ao mais embelezador dos romances. E conta, a propósito, o seguinte episódio anecdótico: «Lembrara-me eu de esconder, nas camas das velhas e assustadas criadas da minha avó alguns caranguejos vivos, cujas torqueses lhes atanzaram as flácidas carnes quando as pobres se entregavam às doçuras do primeiro sono.»

Depois, vem a confissão de que a aldeia se lhe «despoetizara» ao contacto de outros lugares que vira, para logo lhe voltar ainda maior amor por ela.

Descreve-nos um banho de raparigas — mais de vinte — que surpreendeu na Praia Grande, «apenas com a velhinha saia branca enfiada no pescoço», com não mais sensualismo do que o impregnado por Camões às estrofes sobre a Ilha dos Amores.

Julgamos oportuno interromper aqui, por pouco tempo, a sequência deste trabalho, a fim de abrir um parêntese que nos permita dizer alguma coisa sobre o que pensa Teixeira Gomes da sensualidade nas produções artísticas.

«Ouvintes» impreparados para o

por J. MIMOSO BARRETO

compreenderem («as grandes obras de arte não são para toda a gente») acusam-no, por vezes, de pornógrafo, e ele próprio se lamenta de o julgarem erradamente como tal, «confundindo sensualidade de que toda a obra de arte deve estar impregnada com aquilo que é obsceno!»

«Apesar da minha provada indiferença pela opinião pública — proclama — repugna-me bastante ser considerado pornográfico. Foi sempre desejo meu escrever um livro, onde a sensualidade atingisse os extremos limites, sem ser obsceno.»

O sensualismo atinge, por vezes, em Teixeira Gomes, talvez mais que em qualquer outro escritor português, os «extremos limites», mas, como ele próprio acautela, sem tocar na obscenidade.

O nú artístico, empregada aqui a expressão no seu significado mais amplo, concepção preponderantemente plástica, pode, como no seu caso, constituir um tema de plasticismo literário libérrimo.

A ideia infundamentada de que ele é um escritor pornográfico, tem permitido o defeso à leitura de alguns dos seus escritos.

Ora nós pensamos, neste momento em que se aproxima o centenário do escritor, (e agora que a sua obra em boa hora começou a ser reeditada) não haver melhor forma de honrar a sua memória do que anular a interdição dessas páginas, medida que não se justifica numa época em que o cinema e o teatro, com muito maior poder sugestivo do que a literatura, causam algumas perturbações. Isto porque Teixeira Gomes, homem profundamente culto, mentalidade superior, que tão bom nome criou para a terra onde nasceu, tão dignamente serviu as aspirações da Pátria, que representou nas mais altas magistraturas, e tão intensamente viveu as melodias da arte de que foi crítico competente e apaixonado, ocupa, no baixo-relevo das letras portuguesas, um lugar de primeiríssimo plano.

(continua)

PARECEM TER SIDO ESCRITAS para o «Jornal do Algarve»!

É VERDADE! As palavras que vamos transcrever, da autoria do camarada espanhol Javier M. de Bedoya, parecem ter sido propositadamente redigidas para o *Jornal do Algarve*. Doutrina genuína cá da casa mas que, por ora, não vemos tivessem frutificado em realidades. Mas não há que desanimar. Ainda acreditamos — vá lá um pouco de chá! — na inteligência e na capacidade dos algarvios — sobretudo porque ambas levam à mina que é o turismo.

CRÓNICA AO SOM DA CHUVA MEURICO VERÃO!!!

NÃO é que eu seja bem um espírito de contradição mas coisa que realmente faço com gosto é contrariar as pessoas que dizem preferir o Inverno ao Verão.

Ali quando as calmas esbraseantes de Agosto racham pedra, é ouvi-las louvar o Inverno enquanto se abanam e enxugam as frentes camarinhadas de suor.

— Aquilo sim — exclamam — que é tempo sadio, que enrija. Não é esta mornaça indolente, esta estopada, este desfazer-se a gente em água sem ter outra vontade senão deitar-se onde se encontra um pouco de sombra fresca. O Verão é insuportável, faz mal à saúde. Tomara já o Inverno.

III TORNEIO Literário Corporativo

VAL realizar-se em Lisboa o 3.º Torneio Literário Corporativo por iniciativa da Casa dos Empregados da Federação Nacional dos Produtores de Trigo, em moldes idênticos aos dos jogos anteriores, mas em maior projecção por assinalar a passagem do 25.º aniversário da F. N. P. T.

Esta iniciativa tem, como as anteriores, o patrocínio do Secretariado Nacional de Informação e da F. N. A. T. O movimento de interesse que despertaram entre trabalhadores portugueses os torneios realizados anteriormente pela secção cultural da Casa dos Empregados da F. N. P. T. são a garantia que o 3.º Torneio vai ser o acontecimento literário de maior expansão do ano, pois a ele podem concorrer além dos empregados, todas as pessoas ligadas à organização corporativa.

O regulamento será enviado a quem o solicitar para: Casa dos Empregados, rua do Salitre, 66, Lisboa.

O prazo para entrega das produções, que compreendem conto ou novela, palestra para a rádio ou artigo para jornais e poesia, termina em 31 de Maio.

Eis alguns trechos do artigo do camarada espanhol: «Diz o especialista sr. Fernandez Fúster que o turismo representou em 1956 três vezes mais que as nossas exportações de laranjas e limões; seis vezes mais que as pirites e o mineral de ferro e dez vezes mais que os vinhos.

«Com que número de turistas estrangeiros se conseguiram estes resultados maravilhosos? Pois com um número relativamente modesto: 2.728.002 visitantes em 1956.

«Parece que no ano que acaba de terminar, 1957, se terá atingido os três milhões de turistas. Mas as possibilidades económicas de Espanha dilatam-se em termos amplíssimos se pensarmos que poderemos atingir, num prazo curto, os doze milhões de turistas que a Itália recebeu em 1956.

«Entretanto temos que nos preparar para isso. A exploração racional de qualquer riqueza necessita de um programa e meios adequados. E o país inteiro deve estar atento à chuva de ouro que é o turismo e dedicar-se à tarefa de tornar amável tudo quanto já de si é belo...»

Que tal?! Três vezes mais que as exportações de laranjas e limões, a maior riqueza de Espanha! E nós aqui, à beirinha desse país, com praias únicas na Europa, com paisagens de um encanto singular, um clima que nos tornaria a todos nababos indianos se o pudéssemos vender às arrobadas para lá dos Pireneus. E nós aqui, nós aqui a fazer a ridícula figura de sebastianistas à espera do que há-de vir! E não vem! Um *coup-de-foudre* que os parta!

Manuel da Silva Domingues

Agente das Tintas

«EXCELSIOR»

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

DE TUDO PARA TODOS

A quadra de hoje

... Agora que nada resta,
Passas por mim a cantar...
— Às vezes tem ar de festa
A cinza solta no ar!

F. G. O.

Prodígios da memória

A memória não é apenas a faculdade de conservar impressões no cérebro e reproduzi-las à vontade; é também um indicio de aptidões especiais. Assim, encontramos músicos que possuem uma memória assombrosa para as harmonias, mas não para outras coisas; e historiadores que se recordam perfeitamente de um sem número de datas, e em compensação esquecem-se de pôr o chapéu, quando saem de casa. (Agora já não é esquecimento, é costume...)

Mozart, por exemplo, recordava-se da música do *Miserere* depois de ouvi-la duas vezes; sob outros aspectos, porém, a sua memória não tinha nada de notável.

Muitos grandes homens, artistas e sábios possuem ou possuíram uma memória verdadeiramente fenomenal. César lembrava-se do nome de milhares dos seus soldados. Um antigo e notável botânico americano, Asa Gray, retinha na memória os nomes de umas 25.000 plantas, e a Teodoro Gill, zoólogo muito versado em ictiologia, sucedia-lhe o mesmo com os nomes de outros tantos peixes.

Gambém na cozinha se

pode ser artista

Podim de peixe — Limpa-se o peixe, corta-se em postas e frige-

-se em azeite. Depois de frito tiram-se as espinhas, e parte-se em bocadinhos miúdos; juntam-se 3 pãesinhos também desfeitos em bocados miúdos, um pouco de azeite, salsa picada e dois ovos. Mistura-se tudo e mexe-se formando uma pasta branca. Deita-se numa forma untada de manteiga e vai ao forno. Quando esteja pronto desenhora-se e serve-se com rodas de limão, rabanetes e azeitonas.

Querendo pode substituir-se o azeite por leite.

O doce nunca amargou

Crema de canela — Põe-se a ferver meio litro de leite com um quarto de quilo de açúcar, baunilha e casca de limão, deixando engrossar. Batem-se 6 gemas com três colheres de açúcar até que estejam brancas. Misturam-se no leite e juntam-se-lhes as claras batidas em neve e canela moída. Deixa-se ferver e deitam-se em copos. Decoram-se com merengue e ginjas cristalizadas.

É agora não ria!

Como é sabido os ingleses atribuem aos escoceses um excesso de apego ao dinheiro. E a propósito inventam muitas anedotas. Eis uma de tais anedotas:

MacTavish vai à repartição do registo civil e diz:

— Desejo mudar de sobrenome. E' de graça, não é?

— Sim, é de graça. Mas que tem o sr. MacTavish contra o seu belo apelido?

— Nada — volve o homem. — Mas acabo de encontrar um pacote de cartões de visita com o nome de McIntosh...

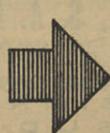
PRÉDIO

Rés-do-chão e primeiro andar, doze divisões por piso, acabado de construir.

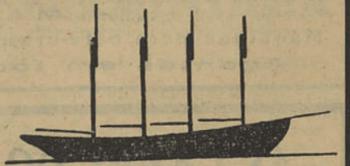
Vende e informa, Emiliano Feliciano Pereira, Rua Artilharia 1, n.º 14.

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

MUITOS



JÁ INSTALADOS COMO MOTORES DE PROPULSÃO E EM GRUPOS AUXILIARES EM



BALNEÁRIOS



CARQUEIROS ARRASTÕES



REBOCADORES E BARCOS DE PILOTOS



EMBARCAÇÕES FLUVIAIS DE PASSAGEIROS



TRAIÑEIRAS DE



TODOS OS TIPOS



VEGETAS

POTÊNCIAS DE 5 CV ATÉ 250 CV PARA ENTREGA IMEDIATA DESDE OS NOSSOS ARMAZÉNS

J. WIMMER & CO., LISBOA

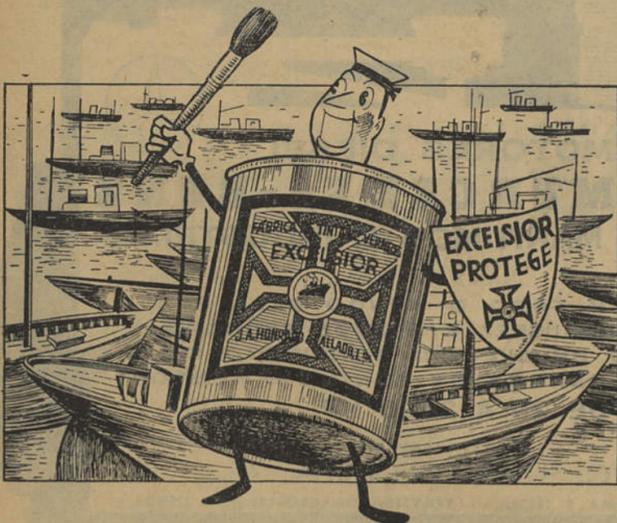
TELEFONES 660127/129

AVENIDA 24 DE JULHO, 34

REPRESENTANTES ASSISTÊNCIA TÉCNICA ORÇAMENTOS

EXCELSIOR

o escudo que defende e protege os seus barcos



USE TINTAS EXCELSIOR

J. A. HONRADO & CALLADO, LDA.

Travessa do Giestal, 4 — LISBOA